

Para uma filosofia do ato responsável: o livro

Toward a philosophy of the act: the book

Hacia una filosofía del acto: el libro

Daniele Bremm, (bremmdaniele@gmail.com)

Universidade Estadual de Londrina-UEL, Brasil.

Roque Ismael da Costa Güllich, (bioroque.girua@gmail.com)

Universidade Federal da Fronteira Sul-UFFS, Brasil.

Resumo:

A presente resenha tem como objetivo analisar o que foi escrito por Mikhail Bakhtin na obra *Para uma Filosofia do Ato Responsável*, onde percebemos um diálogo filosófico influenciado pelo neokantismo e pela fenomenologia. A obra se constitui em um ensaio inacabado, em que o autor busca discutir a divisão entre o mundo da cultura e da vida, os problemas atribuídos ao ser e a transitividade do ato responsável, desencadeando uma virada filosófica em relação a filosofia contemporânea. Para o autor o ato só pode ser tido como real quando se encontra em sua totalidade, ou seja, quando ele participa do evento do seu existir não se separando do conteúdo sentido e da realidade histórica do ato. Portanto, cada pensamento com seu conteúdo é um ato singular pelo qual nós somos responsáveis, este ato compõe a nossa vida que ocorre de forma singular, é um ato complexo, assim, este pensamento será o nosso ato responsável. No entanto, existem dois centros em torno dos quais se constrói a arquitetura do ato responsável: o centro do eu e o centro do outro. Assim, o outro acaba implicando na tomada de decisão do sujeito, desse modo, por meio do valor que ele atribui a uma dada experiência estará delimitando o seu agir responsável.

Palavras-chave: Responsividade; Ato ético; Arquitetônica responsiva.

Abstract:

The present review aims to analyze what was written by Mikhail Bakhtin in the work *For a Philosophy of Responsible Act*, where we perceive a philosophical dialogue influenced by neo-Kantianism and phenomenology. The work is an unfinished essay, in which the author seeks to discuss the division between the world of culture and life, the problems attributed to being and the transitivity of the responsible act, triggering a philosophical turn in relation to contemporary philosophy. For the author, the act can only be considered as real when it is in its entirety, that is, when he participates in the event of his existence, not separating himself from the felt content and the historical reality of the act. Therefore, each thought with its content is a singular act for which we are responsible, this act makes up our life that occurs in a singular way, it is a complex act, this thought will be our responsible act. However, there are two centers around which the architecture of the responsible act is built: the center of the self and the center

Recebido em: 10/03/2023

Aceito em: 21/02/2023

of the other. Thus, the other ends up implying our decision making, through the value that he attributes to a given experience will be delimiting our responsible action.

Keywords: Responsiveness; Ethical act; Responsive architecture.

Resumen:

La presente revisión tiene como objetivo analizar lo escrito por Mikhail Bakhtin en la obra *Por una filosofía del acto responsable*, donde percibimos un diálogo filosófico influenciado por el neokantismo y la fenomenología. La obra constituye un ensayo inacabado, en el que el autor busca discutir la división entre el mundo de la cultura y el de la vida, los problemas atribuidos al ser y la transitividad del acto responsable, desencadenando un giro filosófico en relación a la filosofía contemporánea. Para el autor, el acto sólo puede ser considerado real cuando se encuentra en su totalidad, es decir, cuando participa del acontecimiento de su existencia, no desligándose del contenido sentido y de la realidad histórica del acto. Por tanto, cada pensamiento con su contenido es un acto singular del que somos responsables, este acto conforma nuestra vida que se da de manera singular, es un acto complejo, por lo que este pensamiento será nuestro acto responsable. Sin embargo, existen dos centros en torno a los cuales se construye la arquitectura del acto responsable: el centro del yo y el centro del otro. Así, el otro acaba implicando en la toma de decisiones del sujeto, así, a través del valor que le atribuye a una determinada experiencia, estará delimitando su acción responsable.

Palabras-clave: Sensibilidad; Acto ético; Arquitectura receptiva.

PARA UMA FILOSOFIA DO ATO RESPONSÁVEL: O TEXTO

O livro “Para uma Filosofia do Ato Responsável”, publicado em sua terceira edição pela editora Pedro & João no ano de 2020, conta com três capítulos. O primeiro se constitui em um prefácio escrito por Augusto Ponzio intitulado “A concepção Bakhtiniana do ato como dar um passo”, como o próprio título sugere durante o capítulo o autor busca trazer alguns conceitos Bakhtinianos e explicações no intuito de facilitar a leitura do capítulo seguinte. O capítulo dois apresenta a escrita de Bakhtin sendo este o capítulo que dá título ao livro. O terceiro capítulo se constitui em um posfácio escrito por Carlos Alberto Faraco e intitulado “Um posfácio meio impertinente”, em que o mesmo aponta alguns traços dos escritos de Bakhtin, referente ao capítulo dois, que mais o impressionaram e as suas interpretações a respeito. Nesse sentido, ao longo da resenha daremos mais ênfase ao segundo capítulo em virtude de este conter a escrita de Bakhtin. Importante mencionarmos que resenhar este texto é um desafio/uma tentativa, ou melhor um ato-evento que ao se constituir, também nos escapa, inacabado.

Recebido em: 10/03/2023

Aceito em: 21/02/2023

Compreender a obra de um autor, quando essa há muito tempo já foi escrita, certamente passa pelo movimento de compreensão da história de vida e do contexto no qual este autor escreveu a sua obra. De família aristocrática em decadência, Mikhail Bakhtin nasceu em 1895 na cidade de Orel na Rússia, cidade essa que possuía uma grande variedade de línguas e culturas, falecendo em 1975 na cidade de Moscou (LEITE, 2011). Considerado uma das grandes figuras do universo intelectual do século XX, tido como um pensador e teórico da linguagem, foi responsável por realizar uma renovação no campo dos estudos linguísticos, pois estudou a linguagem a partir da perspectiva linguística gerando mudanças na forma como ela era focalizada e concebida na Ciência (SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2010).

Durante a sua infância Bakhtin morou em duas cidades que tiveram grande contribuição para o desenvolvimento do seu pensamento. A cidade de Vilno se destacava por sua diversidade de línguas e culturas, o que pode se relacionar com os conceitos de heteroglossia, mais tarde desenvolvido por ele. Já a cidade de Odessa era caracterizada por tavernas e um ambiente propício para a bandidagem, o ar de bom humor das ruas pode ter influenciado seu conceito de carnavalização (LEITE, 2011).

Mais tarde, Bakhtin estudou filosofia e letras na Universidade de São Petersburgo, onde estudou com profundidade a filosofia alemã e se tornou um pesquisador da linguagem humana (LEITE, 2011). Para, além disso, os seus escritos eram voltados para diversos temas que influenciaram e ainda influenciam pesquisadores e pensadores das mais diversas áreas, como exemplo podemos citar: história, filosofia, antropologia e psicologia. Com temáticas em torno das críticas literárias e religiosas, o marxismo, estruturalismo e a semiótica. A pluralidade, a contradição e a incompletude são as principais características deste pensador, características essas, presentes não só em sua obra como também em sua vida (LEITE, 2011).

Foi durante seu período como universitário que Bakhtin começou a se envolver em círculos intelectuais, que foram determinantes para sua teoria, pois nos círculos nunca se fala em voz única e os enunciados sempre se dão em resposta a outro, o que vai ao encontro ao conceito de dialogismo desenvolvido pelo pensador (LEITE, 2011). Bakhtin se formou em 1918, um período caracterizado por muitas guerras, o que fez com que se mudasse para a cidade de Nevel, onde fundou-se um dos círculos de maior

Recebido em: 10/03/2023

Aceito em: 21/02/2023

destaque aos quais Bakhtin participou ao longo de sua vida, principalmente em relação à importância que teve para a sua teoria. Faziam parte do círculo de Nevel diversos intelectuais das mais variadas áreas que buscavam pelo diálogo um intercâmbio de ideias (LEITE, 2011).

Em 1920 na então União Soviética a estética e a literatura tiveram lugar de debate, embora Bakhtin fosse muito ativo nesses debates e a maioria dos seus escritos são datadas dos anos 20 (século passado), naquele período seus trabalhos não foram tão conhecidos e não tiveram posição de destaque. Em 1930 Bakhtin foi condenado ao exílio por estar envolvido em grupos de discussão considerados suspeitos e também por conta de sua religiosidade, o período de exílio foi muito proveitoso para a sua produção bibliográfica (SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2010).

Foi somente em meados de 1960 que Bakhtin teve seus trabalhos redescobertos por estudiosos russos, graças aos seus seguidores do círculo de Nevel que lutaram para que seus livros se tornassem mais populares. A partir de então Bakhtin se tornou o líder intelectual de estudos científicos e filosóficos desenvolvidos por estudiosos russos em um grupo denominado de “Círculo de Bakhtin” (LEITE, 2011). Bakhtin produziu vários livros a respeito de questões de teoria e estilo dos gêneros de discurso, algumas das suas obras mais conhecidas são: “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, “Freudismo”, “Cultura Popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais”, “Estética da Criação Verbal”, “Problemas da poética de Dostoiévski” e “Questões de Literatura e de Estética” e “Filosofia do ato responsável”, a qual estamos resenhando.

Segundo a bibliografia do livro desta resenha, os escritos de Bakhtin, que dão origem ao capítulo dois, foram desenvolvidos por volta dos anos 20 (século passado) e só foram publicados a partir de 1986. A obra foi traduzida do russo para o italiano e posteriormente para o português, as traduções em português começaram a ser difundidas em meados dos anos 2000. Podemos perceber ao longo da leitura que os conceitos são examinados progressivamente e ao chegar na página 115, o que seria já o fim do capítulo dois, nos surpreendemos com a verificação de que o capítulo todo na verdade pode ser considerado como uma introdução, pois, Bakhtin passa a detalhar que seu trabalho poderia ser dividido em quatro partes e descreve cada uma: “a primeira parte do nosso estudo será dedicada [...]” (BAKHTIN, 2010, p.115). Com a leitura das partes

Recebido em: 10/03/2023

Aceito em: 21/02/2023

finais do capítulo dois podemos perceber a falta de escritos, pois o autor da conta apenas da primeira parte das quatro elencadas, que seria “análise dos momentos fundamentais da arquitetônica do mundo real, não enquanto pensado, mas enquanto vivido” (BAKHTIN, 2010, p.115).

Além da constatação de que o texto só possui uma parte, não podemos afirmar que este esteja acabado, isso inclusive é uma característica das obras de Bakhtin, pois, as mesmas são fruto de seus rascunhos que foram transcritos à medida que eram encontrados, portanto, a ordem com que os mesmos vieram à tona pode estar em desacordo com a ordem cronológica de sua escrita. Por isso, a maioria dos trabalhos se apresentam de forma inacabada, o que torna complexa a compreensão do pensamento Bakhtiniano, pois para compreender precisamos do significado de cada parte e do todo.

A leitura da obra é complexa, já que ao longo dela podemos encontrar diversos momentos com lacunas na transcrição em função de ilegibilidade dos rascunhos escritos manualmente por Bakhtin, o que dificulta o entendimento de muitas frases. Mencionamos também que ela foi traduzida duas vezes e durante esse processo podem ter ocorrido equívocos de tradução, perdas de detalhamento do contexto e época, bem como adequações a linguagem e política de cada época e país de tradução. Outra questão que dificulta a compreensão está ligada ao fato de o trabalho ter sido escrito nos anos 20 (século passado) e ter vindo à tona apenas em 1986, não existindo escritos ou interpretações feitas em épocas próximas a sua escrita. Embora a obra tenha sido escrita há muito tempo, ela possui relevância para o contexto atual principalmente com relação à filosofia da linguagem descrita por Bakhtin precisa ser mais estudada.

Da mesma forma que se encontra inacabada, a obra inicia como se faltasse algo anterior ao pensamento escrito no papel, como em: “também a atividade estética não consegue ligar-se a esta característica do existir” (BAKHTIN, 2010, p.41). Em vários momentos o autor se utiliza da palavra estética e ficamos nos perguntando com qual significado tal palavra é utilizada. De início nos parece que a expressão estética estava voltada para a experiência pessoal, mas ao longo da leitura a palavra estética parece ter vários e diferentes significados no texto, dependendo da frase em que se encontra e das suas conjunções, assume assim os sentidos que o discurso impõe, algumas que

Recebido em: 10/03/2023

Aceito em: 21/02/2023

aparecem logo no início são: “percepção estética” (BAKHTIN, 2010, p. 41) e “dever estético” (BAKHTIN, 2010, p. 47).

Segundo Bakhtin, somente na sua totalidade um ato pode ser tido como real, ou seja, participa do existir-evento. O autor afirma isso ao criticar a característica do pensamento teórico discursivo, que tanto nas Ciências Naturais como na Filosofia, se utilizam da representação (descrição histórica) e da percepção estética (experiência pessoal) para construir conhecimento. Essa defesa, que acaba por estabelecer uma separação entre o conteúdo-sentido e a realidade histórica de um ato, o que faz com que o ato perca o seu valor, pois não se encontra em sua totalidade, um ato só é real quando ele participa do evento (com o outro) do seu existir (no eu). Já o dever estético, científico, não se encontra ao lado de um dever ético, “há apenas o que é estética, teórica e socialmente válido e ao qual se pode agregar um dever a respeito do qual todas estas validades são de caráter técnico, instrumentais” (BAKHTIN, 2010, p. 47).

Os domínios objetivos da Ciência e da arte (mundo da cultura ou da abstração), por exemplo, não podem ser considerados reais quando colocados de forma que estejam fora, deixem de lado, o ato que os envolve. Quando um ato é separado do evento, da sua realidade vivida, dois mundos entram em choque, o mundo da cultura, no qual objetivamos os nossos atos, onde o ato ocorre, tem lugar, e o mundo da vida que é único, onde nós criamos, conhecemos e morremos, este possui uma realidade singular que não se repete. Somente a nossa existência pode constituir uma unidade única em que essas duas faces, pois o mundo da cultura e o mundo da vida se determinam reciprocamente.

Para alcançar a unificação entre o mundo da cultura e o mundo da vida, o ato deve refletir-se em ambas as direções, tanto do mundo da vida (os sentidos da vida), quanto do existir (cultural/conceitos), encontrando assim a unidade de responsabilidade entre os dois, pensando tanto no conteúdo deste ato como no seu existir, que é uma responsabilidade moral. Cada pensamento com seu conteúdo é um ato singular pelo qual nós somos responsáveis, este ato compõe a nossa vida que ocorre de forma singular, é um ato complexo, este pensamento será o nosso ato responsável, talvez possamos apostar na expressão: ato-pensamento. Com isso, Bakhtin alerta para o fato de que nós pensamos e somos responsáveis pelos nossos pensamentos, o que fica evidente

Recebido em: 10/03/2023

Aceito em: 21/02/2023

na frase do texto: “a singularidade do existir presente é irrevogavelmente obrigatória” (BAKHTIN, 2010, p. 96), de forma individual cada um é responsável pelo seu pensamento. A singularidade nos obriga a agir em nossa própria vida, “não-álibi no existir” (BAKHTIN, 2010, p. 96), não podemos não agir em nossas vidas.

Para Bakhtin, o esteticismo e as tentativas de estetizar e generalizar a vida merecem crítica (contexto histórico dos estudos literários), ele se coloca contra o teorismo e os sistemas éticos. Segundo o autor “o mundo teórico [referência aos estudos literários] se obtém por uma abstração que não leva em conta o fato da minha existência singular e do sentido moral [...] como se eu não existisse” (BAKHTIN, 2010, p.52), Bakhtin também critica o fato de o teórico não se preocupar com a vida singular de cada um. Seu posicionamento está ligado a defesa de que somos seres singulares, aquilo que nós fazemos não pode ser feito por outro exatamente da mesma forma, as nossas identidades estão em nossas vivências que assim como nós são únicas. Somos moldados, pelas nossas vivências, pelas pessoas que nos cercam e pelo contexto histórico em que vivemos. Cada pessoa possui um conjunto de vivências diferentes, o que nos torna únicos, porém influenciados pelo contexto histórico e social.

Em relação aos sistemas éticos a crítica se faz contra a sua Universalidade, o fato de os sistemas éticos assumirem que o dever pode ser aplicado a qualquer um, “o dever pode fundar a presença real de um dado juízo em minha consciência em dadas circunstâncias, isto é, a concretude histórica de um fato individual, mas não a veracidade teórica em si do juízo” (BAKHTIN, 2010, p. 45), por isso compreender o dever como a mais alta categoria formal que rege meu ato e pensamento é um equívoco. Para o autor: “no juízo teoricamente válido [...] a validade de todos estes momentos exclui, de maneira totalmente impenetrável o momento do ato individual, o ato de quem pensa” (BAKHTIN, 2010, p. 45), portanto, o ato para ser ético precisa seguir uma moral e esta norma moral parte da consciência do indivíduo, mas a ética acaba por ignorar aquilo que parte da consciência do indivíduo.

Por isso, Bakhtin critica as abstrações universais de pertencimento; defende e busca desenvolver em sua obra uma filosofia que seja baseada tanto nos acontecimentos historicamente reais como no evento. Em virtude disso, ele aponta a necessidade de integrar o mundo cultural e o mundo da vida, estabelecendo uma unidade pelo momento

Recebido em: 10/03/2023

Aceito em: 21/02/2023

de existir, pois separar a cultura e a vida na tomada de decisões é uma “força irresponsável, deletéria e devastante” (BAKHTIN, 2010, p. 50) da unicidade singular.

Finalizando o texto (que é uma introdução), Bakhtin nos escreve que é possível compreender a vida, esta compreensão ocorre por meio da consciência e de uma responsabilidade concreta: “estamos falando de uma valoração concreta e operante por parte de uma consciência que age, do ato-valoração, que procura a sua própria justificação, não no interior de um sistema, mas em uma realidade única e concreta, irrepitível” (BAKHTIN, 2010, p. 141). A nossa responsabilidade está em não nos abstrairmos do mundo unitário, precisamos nos atentar para o emotivo-volitivo (a singularidade da emoção, o valor que nós atribuímos, o tom emotivo-volitivo das palavras no ato-evento), de forma a mantermos a singularidade concreta e a realidade do mundo. A vida não pode ser vista “como ser-dado” (BAKHTIN, 2010, p.117), pois, ela depende de nós e do nosso agir, um agir responsivo.

Na primeira parte do capítulo dois, depois da introdução, Bakhtin busca explicar a concretude da realidade humana, por meio, da linguagem e na obra se utiliza mais especificamente da linguagem literária, fazendo uso de poemas. Justifica esta escolha afirmando que a linguagem literária é repleta de matizes emotivo-volitivas que se aproximam do mundo do ato, por isso, o uso da linguagem literária auxiliaria na explicação da concretude da realidade humana. A adoção da linguagem como forma de explicar a concretude da realidade humana também está ligada ao fato de que para se evitar os universalismos, tão criticados por ele, precisamos considerar que a linguagem é construída socialmente antes de poder ser apropriada por nós de forma individual.

Como relata Bakhtin existem dois centros em torno dos quais se constrói a arquitetura do ato responsável: o centro do eu, o centro do outro. Sendo estes os dois centros de valor da nossa própria vida, em torno deles giram todos os nossos momentos concretos do existir, ou seja, nós constituímos o nosso lugar em relação ao outro. Esta compreensão vai caracterizar a base da filosofia da linguagem de Bakhtin, a ideia de que nos constituímos por meio do centro de valores do outro e do nosso (na interação discursiva), “um mesmo objeto, idêntico por conteúdo, é um momento do existir que apresenta um aspecto valorativo diferente, quando correlacionado comigo ou com o outro [...] isto não compromete a unidade de sentido do mundo, mas a eleva ao grau de

Recebido em: 10/03/2023

Aceito em: 21/02/2023

unicidade própria do evento” (BAKHTIN, 2010, p.142), somos ao mesmo tempo históricos, sociais e individuais.

A base da filosofia da linguagem de Bakhtin é identificada pela leitura da presente obra, como de muitas outras escritas pelo autor (BAKHTIN, 1988, 2000, 2010, 2013; VOLÓCHINOV, 2017). Segundo o autor quando se trata da estrutura da linguagem, um sistema inabalável é constituído por todas as noções substanciais, formadas por pares solidários e indissolúveis, estando entre eles: a compreensão, o reconhecimento, a troca, o diálogo e o monólogo, a cognição, a interlocução entre destinatário e destinador, todo signo que é provido de significação e todo significado que se associa a um signo, o universal e o partícula, a variabilidade de identidades, o individual e o social, o enunciado e a enunciação (BAKHTIN, 2000, 2010, 2013).

Quando contemplamos esteticamente estamos relacionando o objeto somente com o plano valorativo do outro, não podemos entrar nesta arquitetônica estética, pois estaremos nos voltando somente ao outro e sendo expectadores. A arquitetônica do eu e do outro (do ato responsável e de sua estética) não é dada como pronta e consolidada na qual nós iremos nos inserir de forma passiva; é algo que ainda será realizado por meu ato responsável. Assim, o dever concreto, não é aquele ligado ao juízo teórico, mas sim um dever arquitetônico “de realizar o próprio lugar único no evento único do existir; e ele é determinado antes de tudo como oposição valorativa entre o eu e o outro” (BAKHTIN, 2010, p. 143). Essa oposição é entendida por uma consciência moral elementar que se completa em cada ato moral, mas como já mencionado anteriormente a ética teórica não consegue expressá-la, pois não leva em conta a moral individual (BAKHTIN, 2010).

Para Bakhtin o que vai balizar o nosso agir responsável é justamente o outro, pois, “o valor concretamente afirmado de um ser humano e o meu valor-para-mim-mesmo são radicalmente diferentes” (BAKHTIN, 2010, p.141). A filosofia moral bakhtiniana trata de um sujeito solitário ético, é ele quem decide sobre o seu ato, mas o fato de não estar sozinho no mundo faz com que o outro acabe implicando nesta tomada de decisão (na concretude do ato responsivo), por meio do valor que ele atribui a uma dada experiência (que sempre se dá no eu na relação com o outro). Mas a descrição desta interação entre o valor atribuído a uma experiência pelo eu e pelo outro permanece,

Recebido em: 10/03/2023

Aceito em: 21/02/2023

segundo Bakhtin desconhecida pela filosofia moral, “o princípio da moralidade não encontrou até agora uma expressão científica adequada nem uma reflexão aprofundada” (BAKHTIN, 2010, p.144).

Ao finalizar a leitura da escrita de Bakhtin, ainda permanece a inquietação, como se nos faltasse uma resposta, ou seja, saber se ele deu continuidade a este escrito, desenvolvendo e descrevendo esta filosofia moral, ou se ele abandonou a obra. Embora tenhamos ficado com esta inquietação vale ressaltar que mesmo na sua incompletude, heterogeneidade e complexidade, a obra de Bakhtin nos traz conhecimentos relevantes sobre a importância da perspectiva histórico-cultural.

Podemos perceber certa articulação entre a perspectiva de Bakhtin e a abordagem histórico-cultural de Vigotski (2001), podemos perceber que Bakhtin apresenta, um sujeito interpessoal e responsável, assumindo que o outro é responsável pela constituição do eu. Ambos os autores “foram capazes de perceber o fundamento da natureza dialógica da experiência humana como elemento essencial para compreensão e transformação da realidade” (FERNANDES; CARVALHO; CAMPOS, 2012, p. 96). Os conhecimentos e habilidades sociais constroem-se nas relações educativas em processos de interação que “pressupõe encontros e colisões de ideias, com movimento polifônico e posições enunciativas entre educadores e educandos [...] com efeitos decisivos para a apropriação subjetiva das construções culturais, científicas e artísticas ou advindas da experiência” (FERNANDES; CARVALHO; CAMPOS, 2012, p. 96).

Pensar o sujeito por meio desta perspectiva, implica em pensar o ensino em uma compreensão polissêmica, pois o lugar de ação do sujeito é sempre compartilhado. Assim, o aluno se torna um sujeito que exige o reconhecimento do outro, para conferir significado às suas próprias ideias e falas. O professor também é compreendido como sujeito em constante formação, pois, sua constituição como docente ocorre nas mesmas circunstâncias que a aprendizagem dos alunos. Portanto, professor e aluno, sujeitos do processo de ensino/aprendizagem, precisam aprender juntos a “percorrer caminhos inexistentes porque eles se fazem no percurso” (GERALDI, 2010, p. 100). Bakhtin por meio de suas teorias nos oferece diversas possibilidades para compreendermos o mundo em que vivemos e as relações entre os sujeitos, o que implica em compreensões que facilitam o processo de ensino/aprendizagem, deste modo acreditamos que seja

Recebido em: 10/03/2023

Aceito em: 21/02/2023

relevante integrar a formação inicial e continuada de professores ao estudo de suas obras e teorias.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora F. Bernardini. São Paulo: Hucitec, 1988.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão; 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 3.ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, 160 p.

BAKHTIN, M. M. Problema da Poética de Dostoiévski. Trad. de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Univesitária, 2013.

BRAIT, B. Mikhail Bakhtin: Movimentos de reconstrução da história de um pensamento. **Revista USP**, São Paulo, n.39, p. 158-173, setembro/novembro 1998.

FERNANDES, J. F. F.; CARVALHO, M. G.; CAMPOS, E. N. **Vigotski e Bakhtin: a ação educacional como projeto dialógico de produção de sentido**. Revista Bakhtiniana, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 95-108, 2012. Disponível em: <http://old.scielo.br/pdf/bak/v7n2/07.pdf> Acesso em: 07 fev. 2023.

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João, 2010.

LEITE, F. B. Mikhail Mikhailovich Bakhtin: breve biografia e alguns conceitos. **Revista Magistro**, v.1, n. 1, p. 43- 63, 2011.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Bakhtin e os processos de desenvolvimento humano. **Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano**, v. 20, n. 3, p. 745-756, 2010.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em: 10/03/2023

Aceito em: 21/02/2023